

Editorial

Editorial

Diretor da NAUS, Cristiano Henrique Ribeiro dos Santos¹

¹E-mail: cristiano.henrique@eco.ufrj.br

Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Surge, dessa maneira, o âmbito que denominamos “comunidade”: só se pode *ser-com* num *aí* específico. Não que comunidade seja uma atualização histórica do comum, mas é, sim, uma espacialização que opera um recorte existencial e dá margem a uma subjetivação. Quando o *estar-junto-com* refere-se a indivíduos jurídica e politicamente constituídos, aparece o objeto sobre o qual se debruça classicamente a sociologia: a relação (social) *entre* indivíduos autônomos e concretos num todo abstrato, chamado *sociedade*. (MUNIZ SODRÉ, *Ciência do Comum*, 2012. p. 212)

O mesmo Atlântico que nos divide nos une. A lusofonia que tece o comum e a partilha linguística entre Europa, América, África e Ásia, nos identifica e nos aponta um horizonte de comunidade a ser buscado. O próximo e o distante a se encontrar. A comunicação, a ação de pôr em comum, abrir possibilidades de desvendamentos e tensionamentos das culturas nascidas das nações construídas pelos impositivos do Império Português, nos propõem desafios de dialogar o fascínio das semelhanças e o estranhamento com as diferenças.

É fundamental, portanto, a ampliação das frentes de diálogo científico entre as nações de Língua Portuguesa. Assim, nasce a *NAUS - Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais*. Deste modo, o surgimento de uma nova publicação acadêmica voltada aos estudos de comunicação e cultura, já é, por si mesma, extremamente louvável. É com alegria e gratidão que me agrego a esta empreitada, juntamente ao Dr. Eduardo Leite, diretor da Ponte Editora, e aos membros do corpo editorial e científico da publicação. A proposição democrática de fomentar a circulação de saberes aumenta ainda mais a relevância do projeto que se inicia. Sem dúvidas, é preciso construir pontes. Pontes de ligação entre culturas, pontes de saberes, de conhecimentos, de esclarecimento. Pontes de conexão entre mundos que possuem potências a serem desvendadas. São possibilidades de se dar a conhecer tudo aquilo que não deve permanecer isolado. Nisso reside a força da comunicação. Não como ciência, não como

campo de estudos. Mas, como essência daquilo que nos é mais humano: ser-em-comum. Esta é uma reflexão de fundo. Pois, é preciso pensar nos deslocamentos da vida social e das formas de ser, de sentir e de refletir sobre os modos de existência.

Não há mais uma vida *off-line* e uma vida *online*. O real físico e a existência digital se fundiram como o real histórico de grande parte da humanidade contemporânea. O corpo já não é determinante do estar ou do não estar. As tecnologias possibilitam a presença. E a presença tornou-se multimídia e midiaticável. Portanto, os novos modos de existir, assim como as apropriações políticas e de mercado da vida e das sociabilidades humanas, nos colocam novos desafios metodológicos, novos olhares, novas formas de apreensão do real.

Ao mesmo tempo, em que a comunicação, a mídia e as redes sociais se tornaram o substrato, o campo comum da experiência e o lugar das trocas materiais e simbólicas entre os sujeitos, também se afiguram outros lugares de investigação.

Ao abrir espaço para estudantes de graduação, mestrado e doutorado, juntamente com doutores orientadores com trajetórias de pesquisas e estudos já consolidados, busca-se a abertura a novos objetos e a novas abordagens possibilitadas pelas formas de existência física e digital das novas gerações. Logo, a polifonia na produção de saberes acerca da comunicação e da cultura possibilita a ampliação das apreensões de objetos de investigação na contemporaneidade. As novas tecnologias de comunicação e informação, as redes sociais digitais, aplicativos (apps), dispositivos móveis, próteses e órteses incorporadas ao corpo e aos modos de ser no mundo, *softwares*, multiplicaram infinitamente a diversidade de *corpus* de pesquisa.

Corpus e *Corpos*. Somos muitos, múltiplos e diversos. Somos brasileiros, africanos e portugueses. Somos aldeões, citadinos e atlânticos. Tão presos à terra de origem quanto filhos da diáspora. Tão ligados ao cultivo das tradições quanto desgarrados e aventureiros navegadores. Tão difícil é definir a nossa essência de lusos e luso descendentes, de brasileiros, luso brasileiros e afro-brasileiros. Quem somos hoje? Não sei. Não sabemos. Mas, prefiro pensar como no verso de Alberto Caieiro, que de “[...] minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo...”. Pois é sempre melhor apresentar o que se inicia, com poesia:

*O Guardador de Rebanhos*¹

VII - Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo

*Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...
Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.*

Com alegria, lhes entregamos a *Revista NAUS*.

Muito obrigado e boa leitura!



O trabalho NAUS – **Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais** está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

¹ CAIEIRO. Alberto (Heterônimo de Fernando Pessoa). *Obra Poética e em Prosa*, ed. António Quadros. Porto, Lello & Irmão, 1986.